

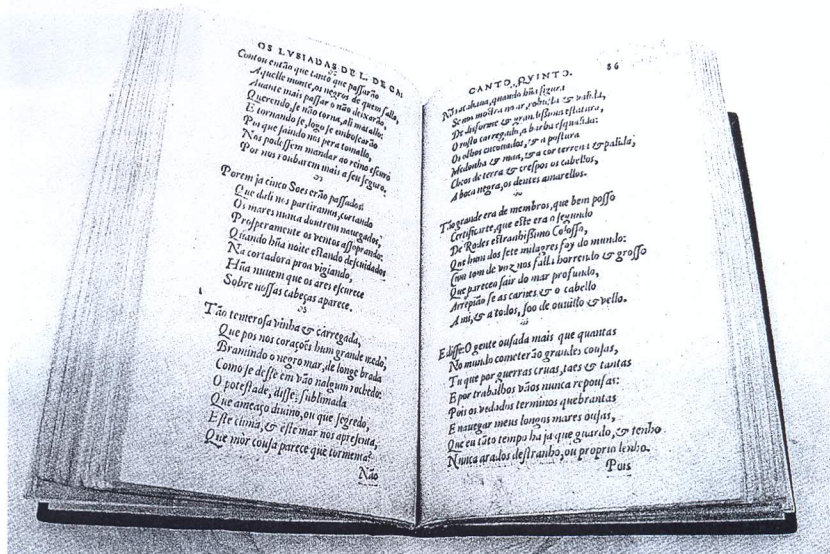


Ninguém sobrevive sem futuro

Reli *Os Lusíadas* muito recentemente. Como quem persegue inspiração e alento para as lutas e os absurdos deste longo suicídio da Europa. Como quem procura energia para resistir às investidas retóricas e práticas dos atuais moralistas da austeridade. Para suportar os mantras ensurdecadores dos contabilistas, disfarçados de estadistas, que presidem à hemorragia da Zona Euro e do projeto consagrado na União Europeia (UE). Gente tão arrogante quanto ignorante. Desprovida da mais elementar cultura humanista e histórica. Cheia da certeza boçal, que Ortega y Gasset descobriu, no seu ensaio *A Rebelião das Massas* (1929), na figura do especialista moderno, esse «perito» de muito pouca coisa. Um «senhorito satisfeito», como lhe chamava o filósofo espanhol. Um «bárbaro» incapaz de pensamento, pois pensar implica sair do círculo de certeza e conforto, para se relacionar com o desconhecido e o incerto.

Os Lusíadas são uma obra aberta. De uma grandeza sem fim. Resiste a todas as reduções e manipulações hermenêuticas. Mas o que é incontestável é a sua natureza de grande obra da cultura europeia. Primeiro, porque o génio de Camões consegue elevar à altura épica uma consciência de destino nacional como narrativa unificadora, quando a ideia de nação era algo de oracular e febrilmente profético, como se pode verificar ao ler o último livro de *O Príncipe*, de Maquiavel, onde a unidade italiana aparece como um mero e delirante transe. Não admira, por isso, que o romantismo alemão, de J.G. Fichte a Ludwig Tieck, tenha idolatrado Camões. Segundo, porque Camões pensa o destino de Portugal como destino europeu. Não são escassas as marcas do que

Camões pensa o destino de Portugal como destino europeu. Não são escassas as marcas do que poderíamos designar como eurocentrismo, nos diversos cantos de *Os Lusíadas*



poderíamos designar como eurocentrismo, nos diversos cantos de *Os Lusíadas*.

CONTUDO, se a matriz nacional lusa não esquece jamais a sua pertença a uma Europa, rica, diversa e criativa, a verdade é que a constituição de uma mais alargada geografia cultural e antropológica, «de experiência feita», pelos navegadores portugueses, vai colocar a identidade europeia num quadro cosmopolita muito mais complexo do que a tradicional dicotomia guerreira do Cristianismo contra o Islão.

Mas o lugar da Europa, na épica de Camões, é ainda mais subtil. Se, por um lado, ocorre a exaltação das qualidades do pluralismo europeu, por outro lado é inegável um desencanto com a Europa. No Canto VII, esse olhar nostalgicamente crítico está patente sem rodeios. Aos alemães, censura Camões a Reforma («Novo pastor e nova seita inventa», VII, 4). Ecoando Erasmo, Camões censura a rutura sangrenta do espaço da cristandade inaugurada pela revolta protestante. Mas o colapso de uma «respublica christiana» de respiração medieval, em prol de uma Europa dilacerada, percorrida por guerras e competições brutais, envolve também os ingleses, e a sua Igreja de Estado, fundada

por Henrique VIII, não poupando sequer a católica França, onde Francisco I não hesita em aliar-se aos Turcos na sua luta contra Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano Germânico.

A EUROPA TORNARA-SE NUM LABIRINTO de conflito e desordem. Nessa medida, poderemos ler a gesta marítima e militar de Portugal, cantada por Camões, também como a perseguição de um ideal espiritual de Europa, de que a transformação do cristianismo em religião mundial seria apenas uma das manifestações. O esforço de edificar o ideal de Europa no Mundo, corrigindo a impossibilidade de fazer da Europa geográfica o lugar adequado para realizar os sonhos essenciais da própria cultura europeia.

E talvez essa seja a maior contribuição de uma releitura de *Os Lusíadas*, para iluminar a presente crise europeia. A Europa das *troikas* e do Pacto Orçamental é hostil à condição essencial de uma cultura que não subsiste sem progresso, sem uma caravela para embarcar, sem uma missão a cumprir. A Europa da Zona Euro, tal como está, vai e deve perecer. Para que os europeus se salvem. Pois, ninguém sobrevive sem o alento do futuro. ▣